



UEPB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
FACULDADE DE LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES - FALLA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS INGLÊS

RUTE RAYANE LIMA DOS SANTOS

**ALÉM DOS LIMITES SOCIAIS: A MULHER DE BATH COMO SÍMBOLO DE
RESISTÊNCIA AO PATRIARCALISMO EM “THE CANTERBURY TALES”**

CAMPINA GRANDE
2024

RUTE RAYANE LIMA DOS SANTOS

**ALÉM DOS LIMITES SOCIAIS: A MULHER DE BATH COMO SÍMBOLO DE
RESISTÊNCIA AO PATRIARCALISMO EM “THE CANTERBURY TALES”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras Inglês.

Orientador: Prof. Me. Thiago Rodrigo de Almeida Cunha

**CAMPINA GRANDE
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237a Santos, Rute Rayane Lima dos.
Além dos limites sociais [manuscrito] : a mulher de Bath como símbolo de resistência ao patriarcalismo em "The Canterbury Tales" / Rute Rayane Lima dos Santos. - 2024.
24 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Faculdade de Linguística, Letras e Artes, 2024.

"Orientação : Prof. Me. Thiago Rodrigo de Almeida Cunha ,
Coordenação do Curso de Letras Inglês - CEDUC. "

1. Imaginário feminino medieval. 2. Representação feminina. 3. Literatura inglesa medieval. I. Título

21. ed. CDD 801.95

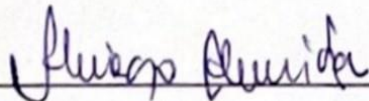
RUTE RAYANE LIMA DOS SANTOS

ALÉM DOS LIMITES SOCIAIS: A MULHER DE BATH COMO SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA AO PATRIARCALISMO EM “THE CANTERBURY TALES”

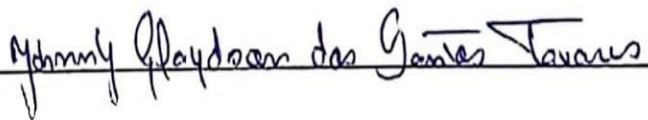
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de graduação em Letras Inglês da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras Inglês.

Aprovada em: 21/06/2024.

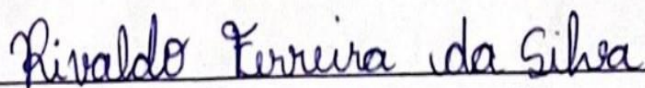
BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Thiago Rodrigo de Almeida Cunha (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Johnny Gladysson dos Santos Tavares
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Rivaldo Ferreira da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu irmão Evangelista, minha estrela brilhante. Ao meu avô, Geraldo Pedrosa, por sempre esperar chegar da faculdade, me acompanhar enquanto eu jantava e por amar e cuidar da família como fez. A Marta, outra estrela brilhante que torceu por mim e me incentivou com palavras de fé.

DEDICO

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO CULTURAL	8
2.1 Patriarcalismo e o imaginário medieval feminino.....	11
3 METODOLOGIA.....	12
4 O CASAMENTO MEDIEVAL E O AMOR CORTÊS.....	13
4.1 Ambição e Autonomia: As motivações complexas da personagem Alice na busca por poder e identidade.....	16
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
REFERÊNCIAS.....	21

ALÉM DOS LIMITES SOCIAIS: A MULHER DE BATH COMO SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA AO PATRIARCALISMO EM “THE CANTERBURY TALES”

Rute Rayane Lima dos Santos ¹

RESUMO

“The Canterbury Tales” é uma obra seminal de literatura inglesa medieval, escrita por Geoffrey Chaucer no final do século XIV. A obra consiste em uma série de contos narrados por um grupo diversificado de peregrinos a caminho do santuário de Thomas Becket, em Canterbury. Cada personagem conta uma história que reflete suas próprias experiências, valores e visões de mundo, proporcionando um rico panorama da sociedade medieval. Entre essas personagens, a “Mulher de Bath” destaca-se por desafiar as normas sociais de sua época com suas opiniões francas sobre casamento, sexualidade e poder feminino. Esse estudo tem como objetivo central investigar como a personagem Alice, em “A mulher de Bath”, de Geoffrey Chaucer, desafia as convenções sociais e os papéis tradicionais atribuídos às mulheres. Através dessa análise, o estudo oferece uma visão crítica e perspicaz das dinâmicas de gênero e poder no período medieval. Para que nossos objetivos fossem alcançados, utilizamos a abordagem qualitativa juntamente com pesquisas bibliográficas. A fundamentação teórica baseia-se em obras de Cohn, (1997), Duby (1976), Le Goff (2006), Millet (1970), Hanawalt, (1986), entre outros. Esses autores oferecem *insights* sobre as estruturas sociais e culturais da Idade Média, as dinâmicas de poder, a história do corpo, o patriarcado, a subjetividade feminina, questões de gênero e identidade, além de análises críticas sobre o papel das mulheres na história e temas como o patriarcalismo, a binaridade, a historicidade e o feminismo. Deste modo, este estudo busca explorar a complexidade das relações sociais na Idade Média, com foco especial no contexto do casamento e do amor cortês. Além disso, pretende-se compreender como Alice, com sua personalidade e suas múltiplas experiências de casamento, representa e subverte as expectativas sociais de sua época. Além disso, o trabalho constata que a personagem corresponde ao imaginário feminino medieval, que segundo os ideais religiosos da época, Alice se encaixava perfeitamente no rótulo de pecadora, assim como Eva.

Palavras-chave: Os contos da Cantuária. Geoffrey Chaucer. Imaginário Feminino Medieval. Representação feminina.

ABSTRACT

"The Canterbury Tales" is a seminal work of medieval English literature, written by Geoffrey Chaucer in the late 14th century. The work consists of a series of stories narrated by a diverse group of pilgrims on their way to the shrine of Thomas Becket in Canterbury. Each character tells a story that reflects their own experiences, values, and worldviews, providing a rich panorama of medieval society. Among these characters, the “Wife of Bath” stands out for

¹ Graduanda em Letras-Inglês pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: rute.santos@aluno.uepb.edu.br

challenging the social norms of her time with her frank opinions on marriage, sexuality, and female power. This study aims to investigate how the character Alice, in “The Wife of Bath,” by Geoffrey Chaucer, challenges the social conventions and traditional roles assigned to women. Through this analysis, the study offers a critical and insightful view of the dynamics of gender and power in the medieval period. To achieve our objectives, we used a qualitative approach along with bibliographic research. The theoretical foundation is based on the works of Cohn (1997), Duby (1976), Le Goff (2006), Millet (1970), Hanawalt (1986), among others. These authors offer insights into the social and cultural structures of the Middle Ages, power dynamics, the history of the body, patriarchy, female subjectivity, gender and identity issues, as well as critical analyses on the role of women in history and topics such as patriarchalism, binarity, historicity, and feminism. Thus, this study seeks to explore the complexity of social relations in the Middle Ages, with a special focus on the context of marriage and courtly love. Additionally, it aims to understand how Alice, with her personality and multiple marriage experiences, represents and subverts the social expectations of her time. Furthermore, the work finds that the character corresponds to the medieval female imaginary, which, according to the religious ideals of the time, Alice perfectly fit the label of sinner, just like Eve.

Keywords: The Canterbury Tales. Geoffrey Chaucer. Medieval Feminine Imaginary. Female representation.

1 INTRODUÇÃO

É interessante observarmos ao longo da literatura como as personagens femininas são retratadas, principalmente em obras que são escritas por homens. Ao analisar brevemente a obra “A Queda da Casa de Usher”, de Edgar Allan Poe, é perceptível que a personagem feminina, Madeline Usher, é narrada em um papel de passividade e fragilidade, não havendo sequer uma fala dessa personagem durante a história, como era comum em suas narrativas. Em contrapartida, o que acontece no conto “A mulher de Bath”, de Geoffrey Chaucer, é um tanto peculiar, a personagem Alice é muito diferente da irmã de Roderick Usher, pois tem espaço na história para compartilhar suas experiências de vida e narrar o seu próprio conto, assim como os demais personagens masculinos presentes na obra.

Sendo assim, a decisão de investigar como a personagem Alice, em “A mulher de Bath”, de Chaucer, desafia as convenções sociais e os papéis tradicionais atribuídos às mulheres surge após a leitura da obra de Chaucer, “*The Canterbury Tales*”, e em particular, o conto da mulher de Bath. Este conto provoca uma reflexão sobre o papel e a importância de Alice, uma figura criada em um contexto histórico complexo: a Baixa Idade Média, caracterizada por uma forte repressão da igreja católica. No entanto, Alice destaca-se por suas características distintas, apresentando-se como uma mulher à frente de seu tempo, capaz de falar abertamente sobre seus desejos e sexualidade.

Ao contrário das representações tradicionais de mulheres da época, limitadas por normas patriarcais e ideais de pureza feminina, a personagem Alice, criada por Chaucer, emerge com uma narrativa que desafia as convenções sociais da época, revelando uma mulher que não apenas rejeita as restrições impostas a ela, mas que as confronta de maneira ousada, com opiniões francas e uma voz que tenta ser ouvida em um mundo dominado por homens, reivindicando seu direito à autonomia e autoridade sobre a própria vida.

O escritor, filósofo e diplomata inglês Geoffrey Chaucer, estudou ciências, artes e literatura francesa e italiana, além de ter tido a oportunidade de transitar em meios elitizados,

foi responsável pela publicação de uma das primeiras obras em língua inglesa, “*The Canterbury Tales*”. Essa obra reúne uma coleção de contos que foram escritos a partir de 1387 e retratam temas que se mostram à frente do tempo e da realidade do século XIV.

A obra consiste na narração da jornada de vinte e nove peregrinos, de classe sociais diferentes, que estão indo de Southwark à Catedral de Cantuária para visitar o túmulo de São Thomas Becket, arcebispo católico morto em 1170 por partidários do Rei Henry II, e propõe que quatro histórias sejam contadas para entretê-los durante o caminho. Ou seja, duas histórias são narradas na ida a Canterbury e duas na volta a Londres. Esses peregrinos concordam em contar essas histórias como uma espécie de aposta, motivados pelo incentivo do albergueiro de quem for o melhor narrador, ganhará como prêmio um jantar.

Segundo Cevasco e Siqueira (1985), essa é uma obra muito importante para a literatura, pois as personagens e suas histórias formam um painel representativo muito fiel da sociedade inglesa da época. Os contos são permeados de um humor perspicaz muito bem colocado. Ademais, Chaucer também utiliza em larga escala a linguagem coloquial, ou o chamado inglês vernáculo, que é aquele utilizado rotineiramente pelas pessoas. De acordo com Robertson (1962), é possível identificarmos nos diálogos presentes nos contos um pouco da influência de artistas italianos, como na obra *Decamerão*, de Giovanni Boccaccio, que também é do século XIV, e, assim como em *The Canterbury Tales*, de Geoffrey Chaucer, utiliza a estrutura de narrativa emoldurada.

Em *Decamerão*, dez jovens se refugiam da Peste Negra e contam cem histórias em dez dias. Em *The Canterbury Tales*, peregrinos em viagem a Canterbury narram suas histórias. Ambas exploram temas sociais e morais, mas diferem na estrutura e estilo, pois *Decamerão* é rigidamente organizado com cem contos temáticos, “o estilo de Boccaccio no *Decamerão* é profundamente marcado pelas tradições clássicas e medievais, evidenciando técnicas literárias refinadas e uma voz narrativa polida”², enquanto *The Canterbury Tales* é mais flexível e inacabado. Além do fato de Chaucer utilizar o vernáculo inglês e destacar a diversidade social da Inglaterra medieval. Derek Pearsall (1992), acredita que por Chaucer ter adotado o uso do inglês vernáculo em seus contos, permitiu que um público mais amplo fosse alcançado, além de ter conferido autenticidade à sua obra, incluindo diferentes vozes e experiências na literatura inglesa.

Percebe-se, então, que essa influência é evidenciada através de personagens de diferentes classes e esferas sociais, da retratação de temas socioculturais, bem como algumas contraposições a uns princípios medievais da igreja, principalmente com relação à mulher e ao casamento. Isto posto, é notório as semelhanças das características citadas acima com o conto que analisaremos neste trabalho.

À vista disso, a partir do momento que levamos em consideração que essa obra reúne diversos personagens medievais e que, muito possivelmente, quando narrado sobre as suas características, seus hábitos e seus comportamentos, o autor esteja fazendo uma crítica. Não podemos negar que a obra contribui para uma melhor compreensão do leitor sobre aquela época e, principalmente, que é o que interessa para nosso trabalho, pois nos auxilia no entendimento do imaginário feminino desse período.

O conto “A mulher de Bath” é narrado por Alice, uma rica mulher viúva de cinco maridos, que não é nem um pouco inibida para falar de casamento, desejos e sexualidade, ou para defender seu ponto de vista em relação ao assunto. Esse comportamento, de acordo com Le Goff e Troung (2006), não era condizente com o que a igreja defendia de que “a cópula só é compreendida e tolerada com a única finalidade de procriar” (*Op. cit.* p. 41).

² "Boccaccio's style in the Decameron is heavily influenced by classical and medieval traditions, characterized by formal literary techniques and a polished narrative voice." BRANCA, Vittore, (1976) - tradução nossa

Destarte, essa personagem é responsável pela tarefa de levar ao leitor o grande questionamento sobre qual era o papel da mulher naquela sociedade, seus valores e sua posição naquele ambiente medieval no qual as narrativas e a realidade sempre priorizaram e exaltaram a figura masculina, e que, ao mesmo tempo, rechaçava e julgava a mulher por qualquer deslize ou gafe social cometida.

David Aers (1986), ressalta que a personagem Alice é uma figura que representa um recorte à parte da sociedade, pois apresenta falas que vão ao encontro do considerado comportamento respeitável à época, aos dogmas da igreja, e por seus inúmeros casamentos. Ela também não é o tipo de mulher que é idealizada no amor cortês, tão característico da época, pelo fato de não ser a figura delicada que espera timidamente o amor-perfeito de um cavaleiro ou sofre por um amor platônico. Deste modo, constata-se que a mulher de Bath pode ser considerada o modelo não ideal no século XIV.

Portanto, como justificativa para esta proposta de pesquisa, compreendemos que há a necessidade de analisar, expandir e consolidar os estudos e pesquisas em torno da era medieval, da organização social da época e os padrões de casamentos vigentes. O objetivo primordial deste trabalho é analisar como a personagem Alice, em “A mulher de Bath”, de Geoffrey Chaucer, desafia as convenções sociais e os papéis tradicionais atribuídos às mulheres. Para tanto, investigamos as normas sociais relacionadas ao casamento e ao papel das mulheres na sociedade da época, a fim de contextualizar a personagem e destacar sua interação com tais padrões.

Como metodologia, utilizamos a abordagem qualitativa, pois de acordo com Denzin e Lincoln (2018), ela consiste em uma compreensão mais aprofundada do fenômeno, explorando e destacando significados, contextos e perspectivas dos participantes. Bem como realizamos uma pesquisa bibliográfica, pois segundo Fink (2014), ela é essencial para situar um estudo no contexto existente, sendo capaz de identificar lacunas no conhecimento e fundamentar a escolha metodológica. Assim, descrevemos com mais detalhes os aspectos metodológicos e contexto de pesquisa, tais como o contexto medieval em que a obra foi escrita, o imaginário medieval feminino e, por fim, as motivações das ações da personagem Alice no conto “A mulher de Bath”.

A fim de analisar e discutir sobre o tema, na fundamentação teórica utilizamos como eixo teórico principal as motivações complexas da personagem Alice na busca por poder e identidade conforme Hulbert (2000), e para os objetivos específicos (i) o contexto sócio-histórico cultural, conforme Gabriel Cohn (1997), Georges Duby (1978) e o livro Uma História do corpo na Idade Média, de Jacques Le Goff e Nicolas Troung (2006), e (ii) o patriarcalismo e o imaginário medieval feminino a partir de Boff (1997), Martha Narvaz, Henrique Caetano Nardi, (2007), Taiza Rossini (2018), José Barros (2011) e Millett (1970), e (iii) O casamento medieval e o amor cortês de acordo com Le Goff (2016), Duby (1989) e Hanawalt (1986).

2 CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO CULTURAL

Para entendermos melhor sobre o contexto sócio-histórico cultural retratado no conto “A mulher de Bath”, é interessante termos uma noção sobre quem foi Geoffrey Chaucer, qual foi o contexto de seu nascimento e como esses aspectos influenciaram sua obra.

Geoffrey Chaucer foi um escritor, filósofo e diplomata inglês, filho de um vinicultor de classe média bem-sucedido, com ligações com o mundo do comércio e da burocracia e que, apesar de não ter nascido na nobreza, ascendeu na corte real e ocupou cargos importantes ao longo de sua vida. Suas experiências como diplomata, burocrata e membro da corte real possibilitaram uma visão privilegiada das complexidades da sociedade medieval,

principalmente por suas viagens pela Europa enquanto estava em alguma missão diplomática, pois possibilitou o contato com diferentes culturas e tradições literárias, enriquecendo sua compreensão de mundo (Pearsall, 1992).

Chaucer também teve sua vida marcada por eventos sociais de grande impacto, como a peste-negra, e a transição entre a Idade Média e o Renascimento, um período de muitas mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais na Inglaterra. Essas experiências e influências se refletem em sua escrita e são exemplificadas em sua obra “*The Canterbury tales*”, através de sua habilidade em retratar uma ampla gama de personagens e sua história e suas histórias de maneira realista e satírica. Ele foi “um produto de sua sociedade, um homem do mundo em uma sociedade em movimento, uma sociedade que via a velha ordem feudal ser gradualmente substituída por uma ordem mais urbana, comercial e nacional” (Pearsall, 1992, p. 23).

No que diz respeito às relações sociais predominantes no século XIV, nessa sessão veremos brevemente alguns conceitos que nos auxiliarão na análise do “Conto da mulher de Bath”, a exemplo do patriarcalismo, da influência da igreja católica e da hierarquia social, que estruturava a sociedade em camadas.

O termo “relação social” diz respeito à conduta de múltiplos agentes que se orientam reciprocamente em conformidade com um conteúdo específico do próprio sentido das suas ações. Na ação social, a conduta do agente está orientada significativamente pela conduta de outro ou outros, ao passo que na relação social a conduta de cada qual entre múltiplos agentes envolvidos (que tanto podem ser apenas dois e em presença direta quanto um grande número e sem contato direto entre si no momento da ação), orienta-se por um conteúdo de sentido reciprocamente compartilhado (Cohn, 1997).

A partir disso, observamos que no cenário medieval-feudal, a sociedade era estruturada de acordo com um modelo trifuncional, como proposto por Dumézil (1990), que delineava três grupos distintos: a nobreza, o clero e os vilões, representados pelos servos. Essa divisão refletia as diferentes funções desempenhadas por cada grupo na sociedade. A nobreza era detentora do poder político e militar, enquanto o clero exercia autoridade religiosa e espiritual. Por sua vez, os vilões compunham a base da pirâmide social, e eram responsáveis pela produção e trabalho na terra. Esse modelo proporciona uma organização social clara e pode ser evidenciada no prólogo da obra de Chaucer, quando há a descrição, desde a aparência até a classe social, dos 29 peregrinos que se encontram na taverna do tabardo e estão se preparando para começar sua jornada de peregrinação para visitar o túmulo de São Thomas Becket,

Fazia parte da comitiva um MERCADOR, de barba bifurcada e roupa de várias cores. Vinha montado numa sela alta, e trazia na cabeça um chapéu flamengo feito de pele de castor. As fivelas de suas botas eram finas e elegantes.

(...)

Um MAGISTRADO, sábio e cauteloso, que no passado freqüentara muito o pórtico da igreja de São Paulo, também vinha conosco, um jurista de reconhecida competência.

(...)

Também nos acompanhava um HOMEM DO MAR, um capitão de navio, originário do oeste do país...

(...)

E havia lá uma MULHER da cidade de BATH. Só que era meio surda, coitada. Tinha tanta experiência como fabricante de tecidos que seus panos superavam os produzidos em Ypres e Gant. [...] De belo escarlate eram suas calças, bem justas; e seus sapatos eram de couro macio e ainda úmido de tão novo. Tinha um rosto atrevido, bonito e avermelhado. Havia sido em toda a vida uma mulher de respeito: tivera cinco maridos à porta da igreja, – além de alguns casos em sua juventude (mas disso não é preciso falar agora) (Chaucer, 2014, p. 17-19).

Portanto, pelas descrições dadas pelo autor, conseguimos compreender um exemplo da dinâmica das relações sociais, pois a maneira com que os peregrinos se relacionavam entre si era totalmente diferente, principalmente quando levamos em consideração que a sociedade era chamada estamental, porque era composta por camadas sociais estanques, ou seja, não existia mobilidade social (Huberman, 2014). Então, é possível dizer que a moral, as interações sociais, o comportamento dessas pessoas e a forma com que elas apreendiam e compartilhavam informações era filtrada e baseada em suas vivências. Sendo assim, é pertinente observarmos que, em uma sociedade tão rígida, com papéis definidos antes mesmo do nascimento de seus componentes, e que havia uma forte influência religiosa, a vida das mulheres não poderia ser das mais fáceis.

Duby (1978) é responsável por possibilitar várias reflexões sobre diferentes caminhos de pesquisas e aguça nosso pensamento sobre o papel que a mulher desempenharia no esquema trifuncional, já que a binaridade sexual perpassa todo o modelo social, pois interfere na subjetividade do sujeito. Considerando o contexto e os aspectos sócio-culturais citados acima, é interessante observarmos que, na obra supracitada, o enredo, em termos gerais, trata do diálogo entre os peregrinos que desejam seguir para a Cantuária e visitar o túmulo de São Thomas Becket na Cantuária. Durante a viagem, para tornar o percurso mais leve, o dono da taverna propõe que cada um conte uma história e que o que narrasse a melhor história ganharia um banquete que seria pago pelos outros peregrinos.

O conto da mulher de Bath é extraordinário, porque nos mostra um tipo diferente de personagem. Já no prólogo da obra, é possível notar que a personagem Alice, introduzida como narradora personagem, contraria o referencial de mulher característica do século XIV, e que é possuidora de um conhecimento do mundo exterior maior que o esperado. Ela é uma viúva rica e independente que exerce atividades comerciais, e que, baseado na narração de suas histórias durante a peregrinação, comandava o casamento e tentava atuar como uma figura mandante em seu lar, tornando-se a detentora das decisões e até mesmo dos bens e propriedades. Também é possível identificar que ela conhecia bem as escrituras e que se utilizava da própria bíblia para justificar suas opiniões,

quantos afinal, ela poderia desposar? Até hoje, pelo que eu saiba, ninguém definiu esse número. Por isso deixo que os outros façam suas suposições e as suas interpretações; quanto a mim, o que sei é que Deus, expressamente e sem mentira, ordenou-nos claramente isto: “Crescei e multiplicai-vos!”. E esse texto gentil entendo muito bem. (Chaucer, 2014, pág. 137).

Quando Alice está na taverna do Tabardo narrando sua história, não é difícil imaginar os pensamentos escandalizados de seus colegas peregrinos em relação a ela, suas ações e sua personalidade, tão distinta dos dogmas e normas daquela sociedade. As rígidas normas religiosas da época são fundamentais para entender as diversas práticas e comportamentos que moldavam as relações sociais e as formas de interação.

O comportamento e as opiniões de Alice, em contraste com os outros peregrinos, destacam-se especialmente quando ela defende seus múltiplos casamentos e expressa-se de maneira desinibida sobre assuntos que uma dama, segundo as convenções da época, não deveria compartilhar abertamente. Notavelmente, ela utiliza argumentos bíblicos para embasar suas opiniões, desafiando as expectativas e normas sociais da sua época,

A virgindade, ligada à devoção e à abstinência, pode significar a perfeição; mas Cristo, que é a própria fonte da perfeição, não exigiu, por exemplo, que todos os homens vendessem o que têm, dessem tudo para os pobres e seguissem as suas pegadas: Ele

apenas recomendou isso aos que desejam viver na perfeição... e, com a devida licença, cavalheiros, eu não desejo. Prefiro ver a flor da minha existência frutificar nos atos do matrimônio (Chaucer, 2014, p.105)

No trecho acima, retirado do prólogo do conto, a personagem aborda a questão da virgindade e sua relação com a perfeição espiritual, ou seja, ela reconhece a virgindade e sua relação com a devoção e abstinência como um ideal de pureza e santidade. Contudo, a mulher de Bath argumenta que, embora Cristo, que é a fonte suprema da perfeição, tenha sugerido a renúncia dos bens materiais e vida em santidade, essa recomendação não foi uma exigência universal, mas destinada àqueles que desejassem atingir esse nível elevado de espiritualidade.

Sendo assim, Alice justifica sua escolha pessoal de não seguir o caminho da santidade e abstinência, afirmando, de maneira irônica, que não deseja viver segundo esse ideal de perfeição, mas, ao contrário, prefere permitir que a “flor” de sua existência frutifique. Isso implica uma valorização da vida conjugal e a renúncia à vida de castidade e ideais religiosos em relação ao sexo.

Percebe-se então que, sua falta de temor ao discutir esses temas e sua disposição para citar textos bíblicos de forma sarcástica certamente causaram incômodo entre seus contemporâneos, que esperavam que as mulheres fossem submissas e respeitadas em relação às autoridades religiosas e sociais.

2.1 Patriarcalismo e o imaginário medieval feminino

Nesta seção, traçaremos as influências do patriarcalismo e do imaginário medieval na relevância do estabelecimento dos papéis sociais que eram permitidos para as mulheres naquela época, sob aspectos culturais e sociais na literatura. O patriarcado - principal filosofia da opressão de gênero - é um modo predominante, geográfico e histórico, de relacionamentos, nos quais a política sexual implica no fato de que os homens estabelecem as regras de poder e de controle social (Millett, 1970).

É perceptível que essa sede por dominação é algo que pode ser interligado até aos primórdios citados na Bíblia. De acordo com Narvaz e Nardi (2007), é possível identificar isso através da sujeição da natureza para que os indivíduos pudessem aproveitar-se de seus recursos, conquistar outros povos e submetê-los para construir a prosperidade humana. Essa dominação se tornou mais evidente a partir do século XVI, na fala de René Descartes “o homem é o mestre e a obra da natureza”.

Esse antropocentrismo, para Boff (1997), denota o androcentrismo, cujo paradigma de desenvolvimento legitima a dominação das mulheres na medida em que identifica a mulher com a natureza, que devem, ambas, ser submetidas, controladas e dominadas. Nessa linha de raciocínio, Rossini (2018) acredita que separar os gêneros em binários limita os corpos em uma característica engessada. Os papéis sociais ganham essa dimensão e produzem subjetividades escravizadas pelos próprios meios que as conduzem.

Portanto, partindo do fato de que apenas os homens tinham permissão de exercer as principais funções na sociedade, e como citado anteriormente, as mulheres viviam uma vida quase reclusa e com poucas oportunidades de estudo e vida social realmente ativa, a mulher de Bath rompe com algumas barreiras do patriarcado medieval, tendo em vista a forma como ela manipulava e enganava seus maridos, estimulada pela ambição e pelo prazer, ao falar abertamente de alguns de seus casamentos motivados pelo interesse, e por defender suas escolhas e desejos.

No século XIV, é perceptível algumas formulações em relação à figura feminina, de responsabilização e culpabilização das mulheres em relação às tentações e perigos terrenos que

acometiam os homens, ou seja, elas seriam a representação do mal que Eva, a criatura original de Deus, causou a Adão, como exemplificado na citação abaixo,

[...] soube-se na Idade Média fazer ressaltar melhor que em qualquer outra época, o duplo aspecto do eterno feminino. Ao lado da Virgem – da mulher respeitada, honrada, aquela pela qual se morre de amor, e de quem só se aproxima tremendo – há Eva a tentadora, por quem o mundo foi perdido [...]. (Pernoud., 1997, p. 80).

Destarte, apesar de as mulheres estarem destinadas desde o nascimento a seguir os dogmas religiosos e regras de comportamento naquela sociedade, a personagem do conto de Chaucer, apesar de conhecer as regras sociais e religiosas que guiavam as mulheres naquela época, não seguia exatamente aquele modelo padrão. Obviamente, percebe-se que essa personagem de falas tão decididas e explícitas deve ter sido elaborada com o intuito de realmente chocar as pessoas com seu comportamento não condizente com a época. A reprodução desse comportamento por alguma mulher naquele contexto, com certeza, não seria nem um pouco aceita ou bem vista. Em consonância com o que foi citado anteriormente, Le Goff e Truong (2006) afirmam que,

[o] pecado original, que expulsa Adão e Eva do Paraíso, é um pecado de curiosidade e orgulho. É a vontade de saber que conduz o primeiro homem e a primeira mulher, tentados pelo demônio, a comerem a maçã da árvore do conhecimento (Le Goff e Truong, 2006, p. 49).

Sendo assim, visto que as Escrituras retratam Eva como a influenciadora da queda do homem, por sua curiosidade pelo desconhecido, ao sucumbir à tentação da serpente, a figura feminina passa a ser responsável por todos os males que passam a acometer a humanidade. Nesse caso, qualquer mulher que não se submete a autoridade do marido, que é comparado à própria figura divina em seu lar, e se nega a obedecer às ordens estipuladas pela igreja, é a própria personificação de Eva, a primeira pecadora e a que destruiu o lar pela desobediência a Deus. Sobre isso, Le Goff e Truong (2006), afirmam que o corpo agora passa a ser considerado como uma prisão e um veneno para a alma.

Dessa forma, o corpo da mulher passa a ser diabolizado, e conseqüentemente, tudo que envolve o ato sexual não deve acontecer para obtenção de prazer, mas exclusivamente para a procriação. A partir do momento em que Chaucer cria uma personagem como Alice, que fala abertamente de seus casamentos, de sua vida sexual e sua satisfação proveniente da mesma, percebemos que ela não seria vista com bons olhos pela sociedade, muito pelo contrário, ela passa a ser a protótipo perfeito daquilo que Eva passou a ser considerada após comer a maçã.

3 METODOLOGIA

Como metodologia, adotamos uma abordagem qualitativa, alinhada às reflexões de Denzin e Lincoln (2018), que enfatiza a necessidade de uma compreensão aprofundada do fenômeno de estudo. Essa abordagem valoriza a consideração dos significados textuais, proporcionando uma análise mais completa e rica. Além disso, concordamos com Fink (2014) ao defender que uma pesquisa bibliográfica pode ser fundamental para situar o estudo no contexto existente, identificando lacunas no conhecimento e fundamentando as escolhas metodológicas de forma sólida. Dessa maneira, apresentamos de forma detalhada os aspectos metodológicos e o contexto da pesquisa, que abrange tanto o ambiente medieval da obra quanto o imaginário acerca da mulher à época. Ademais, exploramos motivações das ações da

personagem Alice no conto “A mulher de Bath, proporcionando uma compreensão mais ampla e profunda do texto e de seu histórico e cultural.

Na fundamentação teórica, utilizamos como eixos temáticos (i) o contexto sócio-histórico-cultural, com base em Cohn (1997), Duby (1978) e o livro "Uma História do Corpo na Idade Média" de Le Goff e Troung (2006); (ii) o patriarcalismo e o imaginário feminino medieval, com referências a Boff (1997), Narvaz, Nardi (2007), Rossini (2018), Barros (2011) e Millett (1970); (iii) o casamento medieval e o amor cortês, com base em Le Goff (1984), Duby (1989) e Hanawalt (1986); e (iv) as motivações complexas da personagem Alice na busca por poder e identidade, conforme discutido por Hulbert (2000).

Tais eixos são fundamentais para fornecer uma perspectiva complementar que enriquece nossa compreensão sobre nosso objeto de estudo, pois ao contextualizarmos a personagem Alice, somos capazes de analisar e interpretar suas ações com maior embasamento. Essa análise nos possibilita compreender como as estruturas patriarcais moldaram a vida das mulheres na idade média, refletindo-se nas atitudes, falas e interações da personagem com seu ambiente, permitindo-nos entender as motivações por trás das escolhas de Alice, especialmente no que diz respeito ao casamento, ao amor e à busca por poder e identidade.

No contexto da pesquisa, destacamos o período histórico da Idade Média, caracterizado pelo predomínio do patriarcalismo e pela limitada autonomia das mulheres. O conto de Chaucer, inserido nesse contexto, desafia as normas da época ao apresentar uma protagonista feminina ousada e independente, como observado por Duby (1989). Os eixos temáticos adotados na pesquisa abordam aspectos que contribuem para a discussão de temas como a representação das mulheres da literatura medieval, bem como revela a necessidade contínua de explorar a representação das mulheres na literatura. Essa análise revela a necessidade contínua de explorar a representação das mulheres na literatura medieval, questionando os padrões estabelecidos pela sociedade patriarcal.

Selecionamos excertos do *Conto da mulher de Bath* e o prólogo como *corpus* da análise, devido à riqueza de detalhes sobre a sociedade medieval. Esses textos oferecem uma visão valiosa sobre a organização social da época, incluindo a divisão de papéis entre homens e mulheres, além de abordar temas como o casamento e a religião. Ademais, consideramos a obra como uma representação da Baixa Idade Média, o que a torna especialmente relevante para nossa pesquisa. A análise do conto demonstra o sucesso do autor na criação da personagem Alice e na abordagem de temas como casamento e sexualidade sob a perspectiva feminina, mesmo que não tenha sido essa sua intenção original.

Em resumo, por meio de uma pesquisa bibliográfica buscamos investigar como a personagem Alice, em “A mulher de Bath”, de Geoffrey Chaucer, desafia as convenções sociais e os papéis tradicionais atribuídos às mulheres. Essa investigação permitiu uma análise mais profunda das influências e reflexos da literatura da época, contribuindo para uma visão mais abrangente dos valores, crenças e estruturas sociais vigentes na Idade Média.

4 O CASAMENTO MEDIEVAL E O AMOR CORTÊS

Nesse tópico, analisaremos como a personagem Alice desafia as normas de comportamento esperadas das mulheres no contexto do casamento medieval, e também exploraremos o tipo de amor característico da época, o amor cortês. Antes disso, porém, é importante ressaltarmos que a criação da Mulher de Bath por Chaucer em “*The Canterbury Tales*” adquire um significado interessante por ser feita por um homem em um contexto de forte repressão da igreja e de expectativas rigorosas quanto ao comportamento feminino.

No contexto medieval, a literatura e outras formas de expressão cultural eram dominadas por homens, e as mulheres raramente tinham a oportunidade de expressar suas próprias

experiências e perspectivas, uma prova disso é a dificuldade que esta pesquisadora teve em encontrar obras medievais do século XIV, que foram escritas por mulheres. Nesse cenário, a personagem de Chaucer emerge como uma figura excepcionalmente inovadora, trazendo para o leitor um relato rico daquela sociedade e de opiniões divergentes das consideradas padrões. De fato, mesmo que essa não tenha sido a intenção do autor e que provavelmente ele a tenha criado para criticar mulheres que seguiam semelhante comportamento, sendo em alguns momentos até mesmo irônico, como citado anteriormente no prólogo do conto quando ele apresenta para o leitor a descrição de Alice, ela se mostra, principalmente na atualidade, como uma representante e uma das precursoras do feminismo na Idade Média.

A partir daqui, daremos início a questão do casamento durante o período medieval. Sabe-se que ele foi amplamente reconhecido como uma instituição social, econômica e religiosa fundamental, que se estabeleceu como uma união legalmente reconhecida entre um homem e uma mulher. Le Goff (2016) enfatiza a importância do casamento como uma instituição central na sociedade medieval, que refletia as hierarquias de poder e as relações de gênero prevalentes na época. Havia também a questão religiosa, pois para a igreja, o casamento se tratava de uma maneira prática de combater o pecado da fornicção. Duby (1989, p.17-18) também reforça essa questão ao afirmar que,

Todavia, já que os seres humanos, infelizmente, não se reproduzem como as abelhas e que para isso eles devem copular, e já que, dentre as armadilhas postas pelo demônio não há nenhum pior que o uso imoderado dos órgãos sexuais, a Igreja admite o casamento como um mal menor. Ela o adota, o institui e facilmente, uma vez admitido, adotado e instituído por Jesus para lutar eficazmente contra a fornicção.

Em relação às suas dinâmicas e práticas, contudo, exibiam notável variação de acordo com a região geográfica, a cultura predominante e a posição socioeconômica dos envolvidos. Em muitas sociedades medievais europeias, o casamento era percebido não apenas como uma forma de consolidação de laços afetivos, mas também como um instrumento para a estabilidade social, a perpetuação de alianças políticas e o fortalecimento de linhagens familiares.

Em termos práticos, os casamentos eram frequentemente arranjados por meio de negociações conduzidas pelos pais ou tutores dos noivos, nem sempre com o consentimento direto dos envolvidos. Nesse contexto, o casamento era encarado como uma transação social e econômica, no qual os interesses familiares muitas vezes predominam sobre as preferências pessoais dos cônjuges. Deixando claro assim, a afirmação de Duby (1989), de que o casamento na Idade Média era mais do que uma simples união entre indivíduos; era uma instituição que servia a propósitos sociais, econômicos e políticos, moldada por normas culturais e religiosas. Tal afirmação pode ser comprovada pelas falas da personagem Alice no prólogo do conto “A mulher de Bath”, pois ela enfatiza, através da descrição de seus falecidos maridos, que era de seu agrado que eles fossem velhos e ricos, que passassem seus bens para o nome dela, além do fato de que gostava de dominá-los em todos os aspectos do casamento,

É por isso que sempre digo a todos os homens: compre quem for capaz, porque tudo está à venda; ninguém consegue atrair um falcão com as mãos vazias. Era por causa do lucro que eu suportava a luxúria dos três primeiros maridos, e até demonstrava um apetite fingido – pois nunca tive predileção por carne seca (Chaucer, 2014, p.109)

Isto demonstra, então, que seus casamentos tinham para ela propósitos pessoais, e sociais. Quanto aos papéis de gênero dentro do matrimônio medieval, as expectativas em relação às mulheres eram caracterizadas por uma subordinação social, estando estas incumbidas principalmente das responsabilidades domésticas e da criação dos filhos. A castidade e a

fidelidade matrimonial eram virtudes inculcadas nas mulheres casadas, cuja infidelidade podia resultar em severas punições, como excomunhão e penitências públicas (Hanawalt, 1986). Apesar da posição subordinada, algumas mulheres desempenhavam um papel significativo na administração das propriedades familiares e na preservação da linhagem, refletindo uma certa flexibilidade nas dinâmicas de poder dentro do contexto matrimonial (Duby, 1989).

Em contraste, os homens eram percebidos como os chefes da família, detendo autoridade sobre suas esposas e filhos. Eles eram responsáveis pelo sustento material do lar, pela proteção da família e pela representação desta na esfera pública. Essa autoridade masculina era legitimada por normas sociais e religiosas, que perpetuavam o homem como o provedor e guardião da família.

É relevante salientar, contudo, que as experiências individuais dentro do casamento medieval podiam variar consideravelmente, sendo influenciadas por fatores contextuais como religião, cultura e posição socioeconômica. Ao longo da Idade Média, observaram-se mudanças progressivas nas práticas matrimoniais e nas concepções em relação ao casamento, reflexo das transformações sociais e culturais que permearam esse período histórico.

Em consonância com tal argumento, Hanawalt (1986), destaca a complexidade das relações matrimoniais na Idade Média, mostrando como as práticas e expectativas em torno do casamento variam de acordo com fatores como classe social, região e contexto cultural.

Levando em consideração as informações acima, a personagem do conto “A Mulher de Bath” oferece uma perspectiva interessante sobre o papel das mulheres na sociedade medieval, que pode ser comparada com as características discutidas anteriormente sobre o casamento na época medieval. Ela é retratada como uma figura complexa e multifacetada, que desafia as normas sociais de gênero e as expectativas tradicionais em relação às mulheres de sua época, sendo claramente independente, assertiva e sexualmente ativa, que já foi casada cinco vezes e se orgulha de sua habilidade em manipular e controlar seus maridos. O trecho abaixo demonstra isso,

Um de nós tem que baixar a cabeça, quanto a isso não resta dúvida; e como o homem é mais ajuizado que a mulher, é você quem deve se conformar. (...) Se eu quisesse vender a minha *belle chose*, aposto que andaria por aí bonita como uma rosa. Mas vou guardá-la só para o seu bico (Chaucer, 2014, p. 143).

Em termos de comparação com as características do casamento medieval, a Mulher de Bath exemplifica uma ruptura com a subordinação feminina esperada no matrimônio. Ao se casar repetidamente e demonstrar sua capacidade de exercer poder sobre seus maridos, ela desafia as noções convencionais de castidade e fidelidade femininas. Sua busca por autonomia e satisfação pessoal contradiz as expectativas de submissão e passividade atribuídas às mulheres na sociedade medieval.

Além disso, a personagem também destaca a influência da sexualidade feminina na dinâmica do casamento medieval ao mencionar “Se eu quisesse vender a minha *belle chose*, aposto que andaria por aí bonita como uma rosa”. Aqui, ela se refere a sua beleza como um atributo que poderia ser negociado em troca de favores ou benefícios, deixando claro sua capacidade de usar a sexualidade como uma ferramenta de manipulação quando sugere que reservaria sua beleza apenas para o homem com quem está negociando, evidenciando uma visão menos idealizada e mais pragmática do casamento, como uma instituição baseada em relações de poder e interesse.

No entanto, é importante notar que a Mulher de Bath é uma personagem literária criada por Chaucer entre 1380 e 1400, e, portanto, não representa necessariamente a realidade histórica das mulheres na época medieval. Apesar disso, sua representação desafia algumas das

convenções sociais e culturais da época e oferece uma visão provocativa sobre as possibilidades de agência e autonomia feminina no contexto matrimonial medieval.

O amor cortês, um conceito central na literatura medieval, idealizava frequentemente as relações amorosas por meio de convenções e valores que glorificavam a figura feminina como distante, inalcançável e merecedora de devoção. Entretanto, na obra de Geoffrey Chaucer, uma voz discordante emerge com a personagem conhecida por sua natureza franca e direta, desafiando os princípios estabelecidos do amor cortês e oferecendo uma perspectiva alternativa e desafiadora das relações amorosas na Idade Média.

Alice compartilha suas experiências matrimoniais de maneira franca e sem rodeios, contrastando com a idealização das mulheres comum no amor cortês, como é exemplificado no trecho abaixo,

Por isso, no casamento sempre hei de usar o meu aparelhinho com a mesma generosidade com que ele me foi dado pelo Criador. Que Deus me castigue, se um dia eu me tornar difícil: ele estará noite e dia à disposição de meu marido, sempre que sentir vontade de vir pagar seu débito (Chaucer, 2014, p. 106).

Não era comum que uma mulher falasse tão abertamente dessa forma, principalmente sobre esse tipo de conteúdo, pois não era nada bem-visto ou aceito pela igreja, como dito anteriormente, o sexo só deveria ter um objetivo: a procriação. Destarte, ao invés de ser retratada como uma figura distante e inalcançável, Alice é apresentada de maneira oposta, como uma mulher real, com desejos e ambições próprias. Sua busca pelo prazer físico e pelo poder nas relações amorosas entra em conflito com a submissão e devoção exaltadas pelo amor cortês, evidenciando uma abordagem mais prática e humana das relações interpessoais.

Na sua narrativa, desafia as normas sociais da época e questiona as estruturas de poder que sustentavam o ideal do amor cortês e, ao fazê-lo, oferece uma visão mais complexa e realista das relações entre os sexos na Idade Média. Em outras terminologias, enquanto o amor cortês buscava idealizar e exaltar as relações amorosas, a personagem emerge como uma figura que desafia esses ideais, proporcionando uma visão mais direta e provocativa do amor e das relações interpessoais na literatura medieval.

4.1 Ambição e Autonomia: As motivações complexas da personagem Alice na busca por poder e identidade

Finalmente, analisaremos as ações e motivações dessa personagem, bem como sua importância na obra, buscando um maior entendimento da personalidade retratada por essa mulher. A personagem de Alice em "A Mulher de Bath", de Geoffrey Chaucer, é uma figura intrigante que desafia as normas sociais da sociedade medieval. Sua assertividade e independência contrastam com as expectativas tradicionais de feminilidade, destacando sua importância como um estudo de subversão de gênero e poder. Ademais, “[...] Sua pura exuberância de ser não tem antecedente literário [...]” (Bloom, 2010, p. 122-124).

Alice é apresentada como uma mulher que não tem medo de expressar suas opiniões e defender seus interesses, como exemplificado em seu discurso sobre o casamento. Sua habilidade em manipular as convenções sociais em seu próprio benefício é evidente em sua retórica persuasiva ao narrar suas experiências de vida. Essa capacidade de controlar a narrativa ao seu redor ressalta sua inteligência e astúcia, enquanto desafia as estruturas de poder existentes por meio de citações das escrituras sagradas,

e onde ordenou Ele a virgindade? Sem dúvida, sei tão bem quanto vocês que quando o Apóstolo Paulo falou sobre a virgindade, reconheceu não ter qualquer preceito sobre

o assunto: Pode-se aconselhá-la às mulheres. Mas aconselhar não é o mesmo que ordenar (Chaucer, 2014, p. 137).

Ou seja, ao perceber e mencionar a ausência de uma ordem direta em relação à virgindade no texto bíblico, ela faz a distinção entre conselho e ordem, sugerindo que as prescrições sobre a castidade feminina podem ser mais flexíveis do que tradicionalmente eram entendidas. No entanto, a personagem de Alice também é ambígua e contraditória. Embora desafie as normas sociais, sua busca por independência muitas vezes é enquadrada dentro de um desejo por poder e controle,

mas agora diga-me uma coisa, desgraçado: por que você escondeu as chaves do baú? Pelos Céus, ele é tanto meu quanto seu. O que é isso, quer me fazer de boba? E não adianta ficar bravo, pois juro por São Tiago que você vai ter que escolher entre meu corpo e meu dinheiro; de um deles terá que abrir mão; pode até se arreentar. E o que significa essa história de andar me investigando e espionando? O que você gostaria mesmo era de me ver trancada em seu baú. Mas isto é o que você deveria dizer-me: ‘Meu bem, pode ir aonde quiser, distraia-se, não acredito em boatos. Sei que você é fiel, dona Alice.’ Nós não amamos os homens que estão sempre querendo saber aonde vamos; gostamos de liberdade (Chaucer, 2014, p. 108)

No trecho acima, a ambiguidade e a contradição de Alice são evidentes, pois, por um lado, ela desafia as normas sociais de submissão feminina ao reivindicar sua independência e questionar a autoridade masculina sobre seus próprios pertences, quando ela confronta o marido sobre as chaves do baú, recusa-se a ser subjugada e exige respeito por seus direitos e também propriedades. No entanto, essa busca por independência é enquadrada dentro de um desejo por poder e controle, como indicado pelas palavras da mesma: “O que é isso, quer me fazer de boba? [...] de um deles terá que abrir mão; pode até se arreentar.” (Chaucer, 2014, p.108). Ou seja, ela sugere que ele terá que escolher entre renunciar a sua propriedade ou de sua sexualidade, destacando sua disposição em manipular a situação para alcançar seus próprios objetivos e exercer controle sobre ele.

Ademais, ela fica frustrada com a desconfiança do marido e sua necessidade de controlar seus movimentos, quando afirma: “Nós não amamos os homens que estão sempre querendo saber aonde vamos; gostamos de liberdade”. Nesse trecho, ela busca autonomia e não concebe a ideia de ser vigiada ou controlada, defendendo sua necessidade de liberdade.

Sua visão sobre o casamento é centrada em sua própria conveniência e prazer, bem como uma oportunidade de exercer autoridade e controle sobre os homens, em detrimento de suas necessidades e bem-estar, como podemos ver na citação a seguir,

Deus me perdoe, mas ainda rio quando me recordo de como os fazia trabalhar à noite sem piedade! E juro como fazia isso desinteressadamente: sim, porque eles já haviam passado em meu nome todos os seus bens e terras, de modo que eu não tinha necessidade alguma de agradá-los ou de esforçar-me para conquistar o seu afeto. Deus do Céu, já que tinham tanto amor por mim, eu não tinha porque lutar por seu amor. A mulher prudente, quando precisa do marido, deve fazer de tudo para cativá-lo; mas eu, que tinha a todos na palma da mão e já era dona das suas propriedades, por que razão iria satisfazê-los, se não fosse também por minha conveniência e meu prazer? [...] Eu os dominava de tal forma, que eles ficavam alegres e felizes só de me trazerem coisas de presente do mercado. E também se davam por satisfeitos quando eu os tratava bem, pois normalmente, sabe Deus, eu ralhava com eles sem parar (Chaucer, 2014, p. 107).

Noutras palavras, Alice manipula cada um de seus maridos para atender aos seus desejos sem pretensão de oferecer nada em troca, isto é, se eles recebessem prazer na relação conjugal

era mais como uma consequência do que ela fazia por si mesma, e não por eles, pois ela já os tinha na palma da mão e não via motivo para se esforçar mais para conseguir o amor deles. Em outro momento do conto, quando a personagem até mesmo apanha do marido, ela consegue subverter o momento ao seu favor, utilizando sua lábia perspicaz para realizar um tipo de pressão emocional no marido e fazer com que ele se arrependa do que fez, como exemplificado no trecho abaixo,

por isso, quando percebi que ele pretendia passar a noite inteira lendo aquele maldito volume, [...] desferi-lhe tal soco no rosto que ele perdeu o equilíbrio e caiu de costas no fogo. Levantou-se então de um salto, como um leão endoidecido, e, com o punho, bateu-me com tanta violência na cabeça que vim ao chão desfalecida. [...] ‘Oh, você me matou, ladrão traiçoeiro?’ gemi; ‘foi por causa de minhas terras que você me assassinou? Assim mesmo, antes que eu morra, quero dar-lhe um beijo’. Ao ouvir isso, ele se aproximou e se ajoelhou junto a mim, dizendo: ‘Alice, minha querida, Deus me ajude, nunca mais vou bater em você. Se fiz isso, foi por sua culpa. Perdoe-me, eu lhe suplico!’ Aproveitei-me de sua proximidade e dei-lhe outro soco no rosto [...] (Chaucer, 2014, p.113).

A reação do marido, embora violenta, revela uma vulnerabilidade inesperada e um desejo de reconciliação após o confronto. Sua súplica por perdão e a promessa de nunca mais agredir Alice mostram um reconhecimento de culpa e uma tentativa de restaurar a harmonia em seu relacionamento, também fica claro para o leitor que ele tem medo de perdê-la. No entanto, a resposta da personagem, ao aproveitar-se da proximidade do marido para lhe revidar o soco, sugere uma afirmação de seu próprio poder e autonomia, assim como sua recusa em ceder ao controle e dar-lhe sua obediência.

Sob esta ótica, percebe-se que as motivações para as ações da personagem Alice são complexas e refletem uma interseção de desejos individuais e necessidades sociais. Uma análise cuidadosa revela que suas ações são impulsionadas por uma combinação de busca por poder, autonomia e validação social,

Mais tarde, porém, após lamentos e queixas, finalmente nos reconciliamos. Ele entregou o cabresto em minhas mãos, confiando-me a direção da casa e das terras, bem como o controle de sua pessoa – palavras, atos, tudo. E eu, sem perda de tempo, o fiz queimar o tal livro. E a partir do momento em que, graças à minha habilidade, recuperei o comando, e desde o instante em que me disse: ‘Minha fiel mulherzinha, você é livre para fazer o que quiser; guarde a sua honra e proteja a minha dignidade’, nunca mais houve briga entre nós dois. Por Deus, fui tão compreensiva e tão fiel a ele, que da Dinamarca à Índia não se encontraria esposa igual. E assim também era ele comigo. Por isso, peço a Deus, em sua majestade, que lhe abençoe a alma com sua graça infinita (Chaucer, 2014, p. 113).

Em vista disso, constatamos que, ao mesmo tempo, em que a personagem não se esforçava muito para agradar aos maridos que teve, a não ser na cama, e mesmo assim suas razões para isso eram completamente egoístas, ela compreende que deve ser esperta e fazer com que os companheiros não sintam a necessidade de ter o poder e ser o mandante no casamento, isto é, ela faz com que eles aceitem o fato de que o submisso e obediente do casamento sejam eles.

Verificamos então que, a busca de Alice por poder é uma motivação central que impulsiona muitas de suas ações. Em uma sociedade medieval altamente estratificada, na qual o poder muitas vezes era determinado pelo sexo (masculino) e status social, Alice busca ativamente formas de aumentar sua própria influência e autoridade, seja pelo fato de, nos três primeiros casamentos, ter escolhido maridos velhos e ricos, que a deixariam financeiramente

bem provida, ou no caso dos dois últimos maridos, tê-los escolhido pela luxúria e lidado com eles de tal forma que eles se deixaram dominar por ela. A personagem ainda ressalta:

Que Jesus Cristo mande a nós também maridos dóceis, jovens e fogosos na cama... e a graça de podermos sobreviver a eles! E, por outro lado, encurte a vida dos homens que não se deixem dominar por suas mulheres, e que são velhos, ranzinzas e avarentos [...] Para esses pestes Deus envie a Peste! (Chaucer, 2014, p. 118).

Sua franqueza é uma estratégia para subverter as normas patriarcais e reivindicar espaço para si mesma dentro de um sistema que frequentemente marginaliza as mulheres. Como observado por Hulbert (2000), Alice usa sua retórica afiada como uma ferramenta para reivindicar autoridade sobre sua própria vida e experiências, destacando assim sua busca por poder pessoal e autonomia:

E ele, para domar-me, punha-se a pregar e a contar histórias de Roma antiga, lembrando como um tal de Simplício Galo deixou a esposa e a abandonou pelo resto da vida só porque um dia a viu espiar porta afora com a cabeça descoberta. Também falava de outro romano, cujo nome me escapa, que, porque sua mulher comparecera a um festival de verão sem o seu conhecimento, igualmente a repudiou; e depois procurava na Bíblia aquele provérbio do Eclesiástico que reza e ordena estritamente que o homem não deve permitir à mulher que zanze pelas ruas; e, para terminar, vinha sem falta este adágio: “Quem sob um teto de salgueiro mora, E num cavalo cego aplica a espora, E deixa a esposa ir longe rezar fora, Deve ser enforcado sem demora.” Mas tudo inutilmente. Para mim não passavam de bagatelas ridículas todos esses provérbios e citações antigas, e eu não me corrigia. Odeio quem critica os meus defeitos, – e Deus sabe que assim faz a maioria das mulheres, e até mais. E como não houvesse modo de submeter-me, meu marido ficava cada vez mais louco da vida comigo (Chaucer, 2014, p. 111).

Finalmente, as motivações de Alice para agir de maneira contrária ao que esperavam dela também podem ser vistas como uma resposta às expectativas sociais e culturais de sua época. Em uma era marcada por ideais de feminilidade e masculinidade estritamente definidos, suas ações desafiam ativamente essas normas, buscando uma expressão mais autêntica de sua identidade e desejos:

[...] ainda hoje sinto lá dentro uma satisfação enorme só de pensar como aproveitei bem a vida enquanto pude. Mas depois veio a idade, que envenena tudo, e me roubou a beleza e o pique [...] não faz mal. Adeuzinho! Vão para o diabo! Acabou-se a farinha, não há o que discutir: agora faço o que posso para vender o farelo, sem perder a alegria de viver (Chaucer, 2014, p. 109).

Em suma, constata-se na passagem acima, uma satisfação pessoal da personagem em relação a sua forma de viver e aproveitar a vida, ficando claro para o leitor que não há nada de que se arrependa, além do fato de ela validar suas experiências pessoais. A expressão de desdém “Adeuzinho! Vão para o diabo!” que a personagem utiliza para se referir ao seu tempo de juventude também pode ser vista como uma rejeição às normas sociais e como uma reafirmação de seu valor, desdenhando de seu passado juvenil. Duby e Perrot (1992), argumentam que as experiências das mulheres eram muitas vezes omitidas ou minimizadas nas crônicas e registros históricos medievais, por isso, a partir do momento que a personagem fala abertamente sobre como aproveitou sua vida, sexualmente falando, percebe-se que ela rejeita a ideia de se curvar perante as expectativas sociais ao falar sobre o assunto.

Finalmente, a personagem Alice desafia normas sociais e medievais ao demonstrar independência e assertividade em suas falas e pontos de vista, como exemplificado na análise

acima. Sua retórica é persuasiva e, baseada em experiências de vida narradas, evidencia sua inteligência e capacidade de manipular convenções sociais em benefício próprio, como acontece em todos os seus cinco casamentos. Apesar de desafiar as expectativas tradicionais de feminilidade, suas ações revelam uma busca por poder e controle, especialmente em suas interações matrimoniais. Sua habilidade em dominar e manipular seus maridos reflete uma estratégia para garantir sua autonomia e satisfação pessoal. Além disso, sua franqueza e rejeição das normas sociais evidenciam uma tentativa de firmar sua identidade e valor em um contexto patriarcal.

Não obstante, é crucial entender que apesar de a personagem ser uma mulher, o autor da obra ainda continua sendo um homem, então mesmo que Alice compartilhe opiniões e ponha a prova algumas normas da época, esses pensamentos são formulados por Chaucer e vão de acordo com sua visão de mundo e entendimento do papel da mulher naquele contexto. Assim sendo, a análise da personagem revela *insights* sobre as dinâmicas de poder e identidade na sociedade medieval, evidenciando as possibilidades de ação feminina dentro do contexto matrimonial.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, esta pesquisa visou analisar a personagem de Alice em “A Mulher de Bath” no contexto da sociedade medieval representada por Chaucer (1380-1400) em "*The Canterbury Tales*". Ao analisarmos a personagem aqui abordada, emergem questões intrincadas de poder, gênero e identidade na sociedade medieval. A investigação de suas ações e motivações na narrativa nos permite compreender mais profundamente as dinâmicas sociais e culturais da época, e constatar que a personagem corresponde ao imaginário feminino medieval da época, ou seja, segundo os ideais religiosos da época, Alice se encaixava perfeitamente no rótulo de pecadora, assim como Eva.

A representação de Alice provoca de maneira contundente as expectativas tradicionais de feminilidade e submissão na sociedade medieval, sua ousadia, independência e franqueza confrontam as normas patriarcais que restringiam o poder e a autonomia das mulheres. Ao narrar suas vivências e reivindicar autoridade sobre sua própria história, a personagem desafia ativamente as estruturas de poder existentes e busca espaço em um sistema que frequentemente marginaliza as mulheres.

Além disso, as motivações de Alice são profundamente enraizadas em sua busca por poder, autonomia e reconhecimento social. Sua habilidade em manipular as convenções sociais em seu benefício reflete uma estratégia consciente de subverter as normas patriarcais e reivindicar controle sobre sua vida e experiências. Suas ações são motivadas por uma combinação de desejos individuais, necessidades sociais e contextos culturais, destacando uma interação complexa de motivações pragmáticas e emocionais.

Por fim, percebeu-se que a personagem não apenas se rebela contra as normas sociais da época, mas também contra os ideais do amor cortês, oferecendo uma visão mais realista e humana das relações interpessoais na Idade Média. Sua busca pelo prazer físico e pelo controle nas relações amorosas contrapõe-se à idealização das mulheres comuns no contexto do amor cortês, revelando uma abordagem mais direta e prática das relações entre os sexos.

De maneira sucinta, esta pesquisa oferece uma contribuição significativa para o entendimento das dinâmicas sociais e culturais da sociedade medieval. Ao examinar a maneira como Alice desafia as normas patriarcais e reivindica e defende sua autonomia e desejos, a pesquisa lança luz sobre as questões importantes de poder, gênero e identidade na Idade Média. Além disso, ao explorar a representação de Alice como uma figura que se rebela não apenas contra as normas sociais, mas também contra os ideais do amor cortês, este trabalho oferece

uma visão mais complexa e realista das relações interpessoais da época. Apesar disso, vê-se que ainda é necessário considerar uma gama mais ampla de fontes e contextos históricos para uma melhor contextualização da representação de Alice e suas implicações sociais.

REFERÊNCIAS

AERS, D. **Medieval Literature: Criticism, Ideology, and History**. Londres: Palgrave Macmillan, 1986.

SANTOS, A. B. E. **Representações femininas em The Canterbury Tales de Geoffrey Chaucer**. Dissertação (Mestrado em História Comparada), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de História, Rosa dos Tempos, 2013.

BALBUS, I. **Mulheres disciplinantes: Michel Foucault e o poder do discurso feminista**. In S. Benhabib & D. Cornell (Orgs.). **Feminismo como crítica da modernidade** (N. C. Caixeiro, Trad.) (pp.121-138). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1986.

BARROS, J, In: Rossini, T. (Org.) **Reflexões Feministas: da Torre de Marfim à Praça Pública**. Salvador: Editora da UFBA, 2011.

BLOOM, H. **O Cânone Ocidental**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

BOFF, L. **O masculino no horizonte do novo paradigma civilizacional**. In: W. Boechat (Org.), **O masculino em questão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

BRANCA, V. **Boccaccio: The Man and His Works**. Firenze: Olschki, 1976.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CEVASCO, M, E,P., e SIQUEIRA, D. **Dicionário de Literatura**. São Paulo: Ática, 1985.

CHAUCER, G. **Os Contos de Canterbury**. Edição bilíngue. Tradução do inglês médio, apresentação e notas de Paulo Vizioli; posfácio e notas adicionais de José Roberto O'Shea; xilogravuras da edição de William Caxton. São Paulo: Editora 34, 2014.

COHN, G, **Teoria da história social do homem**. São Paulo: Ática, 1997.

DALARUN, J. **Olhares de clérigos**. In: DUBY, G; PERROT, M (dir). KLAPISCH - LUBER, Christiane. **História das mulheres no ocidente: a média**. Porto: Afrontamento, 1993, 2v.

DEMO, Pedro, 1941 – **Metodologia científica em ciências sociais** / Pedro Demo – 3. ed. e ampl. – São Paulo: Atlas, 1995.

DENZIN, N. K., & LINCOLN, Y. S. **Strategies of qualitative inquiry**. Sage publications, 2018.

DUBY, Georges, **Idade Média, Idade dos homens, Do Amor e outros ensaios**. São Paulo: Schwarcz, 1989

DUBY, Georges, **Tempo das Catedrais a arte e a sociedade 980 – 1420**. Lisboa: Editorial Estampa, 1978.

DUBY, G., & PERROT, M. (Eds.). **A História das mulheres no Ocidente: A idade Média** (Vol. 2) Harvard University Press, 1992.

DUMÉZIL, G. **Mitologia Romana**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1990.

ERICKSON, F. **Qualitative research methods of Science Education**. In: FRASER, B.; TOBIN, K. G. **International Handbook of Science Education**. London: Kluber Academic Publishers, 1998.

FERRANTE, J, **Woman as image in medieval literature**. Durham: The Labyrinth Press, 1985.

FILSTEAD, W. **Qualitative methods: a needed perspective in evaluation research**. In: REICHARD, C.; COOK, T. **Quantitative and qualitative methods in evaluation research**. London: Sage, 1979. p. 33-48.

FINK, Arlene. **A Survey of the Literature on Successful Strategies for Teaching Writing to College Students**. [S.l.]: University of Michigan Press, 2014.

FOUCAULT, M. **O sujeito e o poder**. In H. Dreyfus & P. Rabinow (Orgs.), Michel Foucault: **Uma trajetória filosófica: Para além do estruturalismo e da hermenêutica** (pp.231-249). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

HANAWALT, B. A. **The ties that bound: Peasant families in medieval England**. Oxford University Press, 1986.

HUBERMAN, Leo. **História da riqueza do homem**. São Paulo: Zahar, 2014.

JOAN, Kelly. "The Social Relations of Sexes. Methodological Implications of Women's History", *Signs*, 1, pp. 809-826, 1976.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1997.

LE GOFF, J., & TRUONG, N. **Uma história do corpo na Idade Média**. Zahar, 2006.

LE GOFF, J. **A civilização do Ocidente Medieval**. Lisboa: Editorial Estampa, 1984.

MACEDO, José Rivair. **A Mulher na Idade Média**. São Paulo: Editora Contexto, 2002.

MILLETT, K, **Sexual Politics**. Doubleday, 1970.

NARVAZ, M. & NARDI, H. C. **Problematizações feministas à obra de Michel Foucault**. *Revista Mal-Estar Subjetivo*, 7(1), 45-70, 2007.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral: Uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PERNOUD, Régine. **Luz sobre a Idade Média**. Portugal: Europa-America, 1997. P. 80.

PEARSALL, Derek. **The life of Geoffrey Chaucer: A critical Biography**. Blackwell, 1992.

ROBERTSON, D.W. A preface to Chaucer: **Studies in Medieval Perspectives**. Princeton: Princeton University Press, 1962.

ROSSINE, T. **Binaridade, historicidade e feminismo**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em psicologia). Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Volta Redonda, 2018.

WALLACE, D. **Chaucerian Polity: Absolutist Lineages and Associational Forms in England and Italy**. Stanford University Press, 1997.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pelo dom da vida. A minha mãe, que é minha fortaleza e minha maior incentivadora, obrigada por me esperar chegar em casa todas as noites, por me dar a chance de trilhar meu caminho e por nunca hesitar em me ajudar, não importa o sacrifício que a senhora precise fazer. Ao meu pai por sempre acreditar em mim. A minha avó Maria, por

ser uma mulher de fibra e por nos alegrar todos os dias. A minha tia Lúcia, que é o amor da minha vida, obrigada pelo seu cuidado e zelo sem limites. A minha tia Silvânia por sempre estar presente na minha vida e vibrar pelas minhas conquistas. Também agradeço a todos os meus irmãos e ao meu primo, Pedro por sempre torcerem por mim, vocês são minha força. Especialmente César, Luana, Raquel e Vera, vocês são a melhor parte de mim, meus amores e o melhor presente que Deus poderia ter me dado.

Aos meus sobrinhos e sobrinhas, que não são poucos, obrigada por existirem e alegrarem meus dias, vocês são meus tesouros e me dão muito orgulho, amo cada um de vocês. Aos meus cunhados, Amanda e Cláudio por todo amor, apoio e incentivo. Também agradeço aos meus amigos Aêda, Izabel, Eduarda, Gheyson e Lucas pela paciência, apoio e por estarem sempre ao meu lado, amo vocês de todo coração. A minha amiga Mari, um ser humano incrível que tive a oportunidade de conhecer em um momento muito especial da minha vida. Aos meus amigos de Cabaceiras, porque eu sempre me divirto muito quando vocês estão perto de mim. A minha família WS, que eu tenho um carinho enorme. Agradeço também a minha professora Maria Lisboa por existir na minha vida, você é um presente para mim, obrigada pelo incentivo, cuidado e pela amizade, você e seu companheiro Dimas estão eternizados em meu coração através de todas as boas conversas, conselhos e noites de pizza. Aos meus colegas de turma, especialmente Aglayr, Danieli, Sammuel, Nirvanna e Raquel, minha gêmea, que compartilharam das dificuldades, apoiaram e me fizeram rir. Tenho um carinho enorme e vou sentir muita falta das nossas noites jantando em Valério e jogando dominó.

Por fim, agradeço a todos os professores que fizeram parte da minha vida escolar e acadêmica, vocês marcaram a minha vida para sempre, obrigada por facilitarem essa jornada, por expandirem meu conhecimento de mundo e pela dedicação nessa profissão que é tão árdua. Agradeço especialmente ao professor Thiago Cunha, por ter aceitado me orientar nesse trabalho e por todos os ensinamentos. Aos professores Francisco Gabriel, Jéssica Neves, Marília Cacho e Rivaldo Ferreira por serem um ponto fora da curva, obrigada por todo o comprometimento e por compartilharem seus conhecimentos de forma tão inspiradora e apaixonada.